

A NOÇÃO DE TEMPO EM CASSIRER E BACHELARD

Marly Bulcão Lassance Britto

INTRODUÇÃO

Acreditamos ser dispensável qualquer referência sobre a importância de Ernst Cassirer para o pensamento contemporâneo. Sua "filosofia das formas simbólicas", resultado de uma análise profunda e minuciosa dos diversos campos do saber, representa um dos cumes do pensamento de nosso século. Na sua obra: "Substância e Função", Cassirer vai mostrar que é nas ciências físico-matemáticas que podemos encontrar as leis constitutivas do conhecimento em geral, na medida em que na ciência esta lei alcança seu mais alto nível de necessidade e universalidade. Em: "A Filosofia das Formas Simbólicas", publicada alguns anos depois, Cassirer vai ampliar o conceito de teoria, mostrando que a meta que determina a configuração da imagem científica do mundo está presente também no conhecimento perceptivo, mostrando ainda que o mito e a linguagem são espécies importantes de conhecimento, que embora irredutíveis à ciência, possuem também leis próprias e independentes. Para Cassirer as diferenças entre as diversas formas de saber são provenientes das metas, que apontando para fins diversos, determinam configurações do mundo com características antagônicas.

Por outro lado, falar de Gaston Bachelard nos dias de hoje é contribuir para a divulgação de um pensador que durante alguns anos teve seu pensamento ocultado devido à resistência que as correntes tradicionais de Filosofia das Ciências impuseram na aceitação de sua epistemologia. É o que pretende expressar Dominique Lecourt quando diz: "A epistemologia de Bachelard vem de uma longa noite". Hoje porém já se reconhece a enorme importância do pensamento bachelardiano, que introduziu novas categorias e, assim, pode tornar-se adequado à ciência contemporânea.

Cassirer e Bachelard distinguem em sua análise duas formas de apreensão do real. Cassirer dizendo do antagonismo entre o conhecimento mítico e o científico e Bachelard falando da imaginação poética e da ciência que são caminhos diferentes escolhidos pelo ser humano, na tentativa de superar a solidão do instante.

Nosso propósito é analisar a noção de tempo, fundamental em ambas as filosofias e a partir de um estudo comparativo, procurar ver o papel que o tempo representa em cada perspectiva de apreensão do real, primeiro no pensamento de Cassirer onde a configuração do tempo é diferente em cada perspectiva e, depois, na análise bachelardiana onde o tempo assume características dialéticas, tornando-se essencialmente descontínuo.

A FILOSOFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS

A idéia fundamental da filosofia de Cassirer é a de que os objetos não existem "em si" independentemente da consciência que os apreende. Como neokantiano Cassirer não pode admitir que os objetos sejam "dados", que possam ser captados pelo espírito como tais. Para ele o objeto não existe antes, nem fora da unidade sintética. A constituição do objeto supõe um ato espontâneo e autônomo da consciência que, numa tentativa de organizar o caos das impressões sensoriais, forma uma imagem do mundo. O objeto é, portanto, um produto que surge através da mediação da consciência que o representa em função das condições do pensamento.

No pensamento de Cassirer, o ato de objetivação se dá quando a consciência, agregando as impressões isoladas, lhes confere um significado. Por isso mesmo o processo de objetivação é fundamentalmente um processo de simbolização. Há, entretanto, muitas formas de agregar as impressões e o modo de agregá-las vai depender das metas da consciência. Conforme a meta teremos um processo mítico ou científico de objetivação. Enquanto a meta no conhecimento mítico é a concretude na ciência almeja-se leis universais que expressam a regularidade que rege os fenômenos da experiência. Como diz Cassirer:

“Cada elemento particular é relacionado direta ou indiretamente na construção teórica do mundo coerente da experiência a um termo universal que o mede. A relação da representação com o objeto não diz nada é, em última análise, um ato de submeter esta representação a um conjunto coerente e genérico”.¹

E mais adiante:

“Conhecer significa efetuar o trânsito da sensação e da percepção à mediação da causa, significa decompor o simples material das impressões sensíveis em extratos de causas e conseqüências”.²

Como mostra Cassirer, no pensamento científico domina a vontade de apreender o objeto, apoderando-se intelectualmente dele a fim de o introduzir em um complexo de causas e efeitos.

Ao contrário, o processo mítico de objetivação tem como meta a concretude e sendo assim neste processo, a consciência vive a impressão imediata, aceitando-a e dispensando medi-la com algo mais. A impressão deixa de ser relativa e passa a ser absoluta e a consciência se vê, então dominada pelo objeto. Como muito bem expressa Cassirer em sua obra:

“Aqui não domina a vontade de apreender o objeto no sentido de colocá-lo em um complexo de causas e efeitos, aqui o objeto simplesmente se apodera da consciência”.³

Apesar do antagonismo existente entre estes dois processos de simbolização, há certa analogia entre a estrutura do mundo mítico e a estrutura do mundo científico, na medida em que podemos discernir, em ambos, uma tentativa de superar o isolamento das impressões imediatas através da busca de uma totalidade. Tanto o conhecimento mítico como o científico procuram mostrar que o individual, o particular está inserido num todo.

Cassirer vai mostrar que espaço, tempo e número são formas fundamentais de todo processo de objetivação, pois são o invariante no processo, que obedecendo a determinadas metas vai-se constituir em uma apreensão mítica ou teórica. Como ambos os processos visam uma totalidade, espaço, tempo e número são as formas intuitivas que possibilitarão expressar esta totalidade, incorporando o existente em uma ordem espacial, em uma ordem temporal e em uma ordem numérica. Enquanto no pensamento científico espaço, tempo e número são os instrumentos do princípio de razão, pois é em função deles que o mero agregado das percepções toma a forma de um sistema de leis; no pensamento mítico, cuja meta é a concretude, as intuições de espaço, tempo e número aparecem como conteúdos concretos da existência. Cassirer expressa muito bem isso em dois parágrafos de sua obra “*La Philosophie des Formes Symboliques*”:

“A idéia de ordem na coexistência, de ordem na sucessão e de uma ordem numérica fixa de tamanho e medida de todos os conteúdos empíricos, constitui o suposto para que todos estes conteúdos possam chegar a unificar-se em uma legalidade, em uma ordem causal”.⁴

Em relação ao conhecimento mítico ele diz:

"A consciência mitológica não chega a uma articulação do espaço e do tempo mediante a fixação das aparências sensíveis instáveis em processos duradouros, e sim introduzindo também na realidade espacial e temporal sua típica antítese do "sagrado" e do "profano". Este acento originário da consciência mitológica rege também todas as divisões e enlaces particulares dentro da totalidade do espaço e da totalidade do tempo".⁵

O TEMPO NO PENSAMENTO DE CASSIRER

Como nosso objetivo é fazer um estudo comparativo de Cassirer e Bachelard em relação à noção de tempo e ao papel que esta noção representa em ambos os pensamentos, vamos destacar a intuição do tempo a fim de analisar independentemente das intuições de espaço e número, que são formas fundamentais no pensamento de Cassirer, na medida em que estiverem presentes em todo processo de objetivação.

Cassirer vai mostrar que há uma divergência muito grande entre a intuição mítica e a intuição científica do tempo, na medida em que as metas destes processos de conhecimento são também diferentes.

Para Cassirer a meta do pensamento científico é introduzir uma ordem temporal a fim de unificar as impressões sensoriais em uma legalidade. Neste sentido, o tempo assume uma configuração de pura relação.

No conhecimento mítico, cuja meta é a concretude, a articulação do tempo é feita em função desta meta e, por isso, determinados períodos ou datas passam a ter um acento especial, destacando-se dos demais e dominando por completo a consciência que vive intensamente aquele momento.

A comparação entre o tempo mítico e o científico mostra uma relação antagônica, pois as características de um são negadas pelo outro.

Cassirer caracteriza as diferenças que existem entre a noção de tempo no conhecimento mítico e a noção de tempo no pensamento teórico, mostrando que, embora haja um ponto comum entre a ciência e o mito, que é a tentativa de alcançar uma totalidade, estes conhecimentos se distinguem pela forma desta totalidade. A totalidade do cosmos científico é uma totalidade de leis, de relações e de funções e, sendo assim, o tempo assume a condição de um sistema de relações. Por outro lado, a totalidade almejada pelo conhecimento mítico está presa a sua meta e, por isso, no mito a totalidade é representada por um momento absoluto, que destacando-se dos demais, representa o tempo de origem do "sagrado", que será revivido nos momentos futuros.

Cassirer destaca algumas características fundamentais que expressam o antagonismo existente entre o tempo mítico e o científico. Em primeiro lugar, o tempo da ciência é homogêneo porque todos os momentos não possuem um conteúdo próprio, só existindo numa relação uns com os outros. Os vários momentos do tempo são desrealizados, são esvaziados de conteúdo, passando a simples esquemas ideais e isso é conseguido com a ajuda da linguagem matemática. Como diz Cassirer:

"É devido a um tratamento matemático que espaço e tempo não apresentam uma significação independente, cada um sendo inteligível por sua relação com os outros."⁶

O objetivo da física-matemática é a quantificação do tempo pois desta forma o tempo perde toda sua particularidade específica. Conforme mostra

Cassirer num texto publicado logo após o aparecimento da Teoria da Relatividade, nesta teoria o tempo perdeu todo o seu sentido concreto, todas as suas qualidades específicas, pois cada ponto se define por suas coordenadas espaço-temporais e estas são simples valores numéricos que não se distinguem entre si em virtude de nenhuma característica particular. Além disso, o tempo no pensamento científico é infinito, porque cada ponto aponta para o anterior e para o posterior, de tal forma, que o regresso ao passado ou o caminhar para o futuro é infinito e, desta maneira, nenhum ponto é privilegiado. O tempo no pensamento científico é também contínuo, segundo Cassirer, na medida em que na ciência, assim como na história, há uma cronologia que faz com que os vários pontos se interliguem numa determinada ordem. Vamos ver, mais adiante, que para Bachelard o tempo que fundamenta a ciência contemporânea é essencialmente descontínuo, o que faz com que sua análise sobre a noção de tempo seja antagônica à posição de Cassirer.

Analisando o conhecimento mítico, Cassirer vai mostrar que no mito a intuição do tempo é fundamental, sendo mais importante do que as de espaço e número. Para ele o significado básico do mito está na perspectiva temporal e só através da intuição do tempo podemos penetrar no autêntico ser do mito. Na sua obra "*La Philosophie des Formes Symboliques*" ele diz:

"o significado básico do mito enquanto tal não está imbuído de uma perspectiva espacial e sim de uma perspectiva temporal; designa um determinado aspecto temporal da totalidade do mundo".⁷

Cassirer vai mostrar que só podemos falar em mito, quando a intuição do universo sob a forma de figuras sobrenaturais, atribui a estas figuras um devir e uma vida temporal:

"quando da figura dos deuses se passa para a história e a narração dos deuses, então podemos falar de mitos no escrito e específico significado da palavra".⁸

E mais adiante:

"Só quando o mundo do mito começa a fluir, manifestando-se não como um mundo do acontecer, resulta possível distinguir nele certas configurações dotadas de uma marca independente e individual".⁹

As características do tempo mítico são opostas às do pensamento científico. No mito o tempo é heterogêneo pois cada momento tem uma significação própria e se destaca dos demais, é também finito, na medida em que no mito há um passado absoluto, que não precisa de explicação, pois como tempo de origem do sagrado nada o antecede. Este momento é, muitas vezes, denominado de intemporal por aqueles que, acostumados ao tempo cronológico da ciência, não conseguem conceber um tempo absoluto e finito. Além disso o tempo mítico é descontínuo, porque cada momento recebe um acento especial, assumindo certa independência em relação aos demais.

Podemos, então, concluir que no pensamento de Cassirer a intuição do tempo, assim como a de espaço e número é um meio de diferenciação dos dois processos de objetivação, na medida em que é através da introdução do particular em uma ordem temporal, tendo em vista as respectivas metas, que alcançamos um conhecimento mítico ou um conhecimento científico do universo.

O PENSAMENTO DE BACHELARD

A obra de Bachelard é constituída de duas vertentes: uma científica e outra poética.

A vertente científica foi desenvolvida em mais de uma dezena de livros. Trata-se de uma análise epistemológica, onde Bachelard mostra que as filosofias da ciência de sua época eram inadequadas para compreender as revoluções científicas que estavam surgindo na ciência contemporânea. A epistemologia bachelardiana pretende refletir o novo espírito científico através da análise da prática concreta e efetiva dos cientistas de hoje. Encontrou, inicialmente uma resistência muito grande pois contrariava as principais colocações do Positivismo e da filosofia de Emile Meyerson, que dominavam o ambiente intelectual francês quando surgiu o pensamento bachelardiano. Hoje é reconhecida a grande importância da epistemologia de Bachelard, que introduzindo novas categorias, consegue expressar o trabalho dos cientistas contemporâneos, mostrando a novidade que caracteriza a ciência atual.

Na vertente poética Bachelard apresenta um estudo da imaginação poética, mostrando que para penetrar no mundo do devaneio e da poesia é necessário substituir o método racional pelo fenomenológico, pois só assim conseguimos viver com intensidade o ser da imagem poética. Conforme diz Bachelard:

“Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade”.¹⁰

Alguns comentadores de Bachelard falam de uma ambigüidade em sua obra, pois na vertente científica está a proposta de uma psicanálise do conhecimento objetivo que tem por finalidade afastar os valores afetivos que, interferindo no conhecimento científico, comprometem o seu resultado; e na vertente poética está a proposta contrária de abandonar os hábitos racionalistas a fim de viver a atualidade e a novidade da imaginação poética. Será que sua vertente poética não comprometeria o rigor de sua epistemologia? Quando consultado Bachelard dava a seguinte resposta:

“Quando passei da prática e do ensino das ciências à filosofia, não me senti tão plenamente feliz como esperava. Procurei em vão a razão de minha insatisfação, até o dia em que ouvi um estudante falar de “meu universo pasteurizado”. Foi uma iluminação para mim. Era isso: um homem não poderia ser feliz num mundo esterelizado, era-me necessário introduzir nele certos micróbios para restituir-lhe a vida. Corri em direção aos poetas e ingressei na escola da imaginação”.¹¹

Vamos demonstrar que é possível encontrar unidade na obra de Bachelard através da noção de descontinuidade temporal, que constitui, a nosso ver, o fundamento da produção científica e do devaneio poético. A noção de descontinuidade é fundamental para a compreensão do progresso da ciência que se faz através de retificação das teorias, bem assim também para a noção de ruptura da ciência com o conhecimento comum. Portanto, é através da noção de instante que podemos compreender, segundo Bachelard, a criação poética e a produção científica.

O TEMPO NO PENSAMENTO DE BACHELARD

A análise bachelardiana da noção de tempo é desenvolvida em duas obras: “*L’Intuition de L’Instant*” e “*La Dialectique de la Durée*”. Nestas obras Bachelard faz uma crítica da noção de tempo como duração defendida por Bergson, contrapondo Roupnel com sua obra “*Siloe*” à Bergson, afirma a realidade do instante. Enquanto a filosofia de Bergson é uma filosofia da duração, a de Roupnel é filosofia do instante.

Para Bergson a duração constitui um dado da consciência, na medida em que podemos ter uma experiência direta e intuitiva da duração. Como a apreensão da duração pela inteligência é impossível porque a inteligência tem por objetivo o fixo e o imutável, o instante para Bergson não constitui um elemento da duração, ele é apenas uma seção da duração feita pela inteligência com a finalidade de apreender o tempo. Para Bergson, portanto, o único tempo real é a duração, ficando muito claro em suas obras que a duração não é a passagem de um estado a outro, pois cada estado tomado à parte não permanece, também dura.

Bachelard vai defender uma posição contrária a do pensamento bergsoniano. Para ele o instante é o único tempo real. Partindo da afirmação de que a realidade do tempo se reduz ao instante. Bachelard vai mostrar que o instante se impõe por um golpe de forma completa para logo em seguida morrer. Podemos dizer que o instante é uma realidade entre dois nada, conforme mostra Bachelard:

“O tempo só tem uma realidade, a do instante. Em outras palavras: o tempo é uma realidade limitada ao instante e suspensa entre dois nada. O tempo poderá sem dúvida renascer, porém em princípio deverá morrer. Não poderá transladar seu ser de um instante a outro para lograr uma duração. O instante já é solidão. É a solidão em seu valor metafísico mais despojado. Porém uma solidão de ordem mais sentimental confirma o trágico isolamento do instante: mediante uma espécie de violência criadora, o tempo limitado ao instante nos isola não somente dos outros mas também de nós mesmos, pois rompe com nosso passado mais querido”.¹²

Bachelard vai mostrar que o instante possui uma novidade e individualidade essenciais e, sendo assim é impossível se passar de um instante a outro. É necessário abandonar um instante para reencontrar outro. Ao contrário de Bergson, o instante presente constitui o domínio da realidade experienciado pelo homem, pois só no presente o homem toma consciência de si. Bachelard vai atribuir a evidência do cogito ao seu caráter instantâneo. Conforme demonstra a análise bachelardiana, que busca subsídios em outros campos do saber, a psicologia da vontade e da atenção põe em evidência que a atenção da consciência recebe todo seu valor de intensidade em um só instante. A atenção se refaz a cada momento, podendo-se falar em rupturas na duração. A atenção é sempre um começo, estando constituída de renascimentos do espírito. Diz Roupnel em “Siloe”:

“A idéia que temos do presente é de uma plenitude e de uma evidência positiva singulares. Ali nos instalamos com nossa personalidade completa e encontramos uma identidade absoluta entre o sentimento do presente e o sentimento da vida”.¹³

Em suas obras sobre o tempo, Bachelard conclui que o tempo é constituído de instantes pontuais e é descontínuo. Para ele a duração não é um dado imediato da consciência, é uma obra e tem um caráter mediato e indireto, na medida em que a continuidade temporal é apenas uma criação de nosso espírito, tendo um caráter meramente psicológico e não ontológico. O tempo é essencialmente o tempo com eventos pontuais, pois a duração é fruto de uma construção de nosso espírito e não tem, como para Bergson, uma existência “em si”, independente da consciência.

Concluindo podemos então dizer que, para Bachelard, o tempo é descontínuo, sendo constituído de instantes sem duração e que a duração nada mais

é do que uma impressão de continuidade íntima, decorrente da construção de nosso espírito que liga a pluralidade de instantes. No pensamento de Bachelard a realidade do tempo é o instante.

FUNDAMENTOS PARA UMA TEORIA DO TEMPO DESCONTÍNUO

Bachelard vai encontrar subsídios para sua teoria do tempo descontínuo na psicologia dos fenômenos temporais de Pierre Janet e em algumas teorias científicas como a Teoria da Relatividade de Einstein e a Mecânica Quântica.

Segundo Bachelard, a psicologia de Pierre Janet pode elucidar inúmeros problemas concernentes à noção de tempo. Pierre Janet mostra que o espírito é essencialmente um fator de começos, pois em toda duração vivida pelo espírito, podemos destacar nitidamente um começo e se analisarmos mais profundamente este começo, que pode ser um impulso ou um entusiasmo, por exemplo, vamos notar que não há uma homogeneidade entre o começo e a continuidade do ato. Além disto este famoso psicólogo, estudando os primitivos e os neuróticos verificou que suas ações são constituídas de atos explosivos, isto é, de atos que não continuam psicologicamente. No caso do epilético, por exemplo, há uma perda da conduta de continuação e seus atos são explosivos, não havendo previsão do que se segue e nem uma antecipação do ato por parte do sujeito. Para Pierre Janet a continuidade temporal é um resultado da atividade compreensiva da razão. A partir daí Bachelard conclui:

“Resumamos, portanto, nosso parecer sobre a doutrina dos começos. Pierre Janet descobriu uma conduta temporal especial da maior importância. Para ensinar todo o seu alcance, para possuir verdadeiramente seu domínio é necessário isolar o começo e tomá-lo como acontecimento puro. Em outras palavras, necessitamos do conceito da instantaneidade para compreender a psicologia do começo. Deste modo só conhecemos o impulso relacionando-o com o impulso primeiro. Podemos concluir que as condutas que compõem a duração não são condutas simples, pois podemos separar delas alguns acontecimentos decisivos, que merecem o qualificativo de primordial”.¹⁴

Analisando a Teoria da Relatividade de Einstein, Bachelard vai encontrar mais um reforço para a sua tese da descontinuidade temporal. Einstein faz uma crítica da duração objetiva, destruindo o absoluto da duração e afirmando o absoluto do instante.

Bergson afirmava que havia uma duração objetiva e absoluta a qual correspondia nosso sentimento íntimo da duração. Para ele havia uma comunicação imediata de nossa alma com a temporalidade do ser, conforme demonstra o exemplo do torrão de açúcar que realmente se dissolve enquanto correspondentemente podemos intuir uma duração íntima. Na Teoria da Relatividade não há duração absoluta, pois o tempo é relativo ao método de medição. A teoria einsteiniana destrói todas as provas externas de uma duração única e mostra que não há no mundo convergência para nossas durações individuais, vividas na intimidade da consciência. Para Einstein a noção de simultaneidade é relativa, na medida em que para se experimentar a simultaneidade absoluta teríamos que nos situar sobre o “eter fixo” e o fracasso de Michelson afastou a esperança de se concretizar tal experiência. Na Teoria da Relatividade o instante é um absoluto, pois é considerado um ponto do espaço-tempo, onde a simultaneidade é clara e evidente.

Com o objetivo de encontrar subsídios para uma teoria do tempo descontínuo que afirme a realidade do instante, Bachelard analisa a Mecânica Quântica mostrando que a descrição dos fenômenos de radiação está fundamentada na tese da descontinuidade temporal.

Em sua epistemologia Bachelard demonstra que a ciência clássica estava imbuída de um substancialismo. Assim os fenômenos mecânicos eram explicados pela noção de átomo e os fenômenos térmicos, elétricos e óticos com fluídos imponderáveis que existiam nos corpos, ficando sempre um resíduo substancialista nas explicações. A ciência contemporânea e o novo espírito científico se caracterizam pela desrealização dos fenômenos, que passam a ser explicados cada vez mais abstratamente. Conforme diz Bachelard em seu livro "O Novo Espírito Científico" na ciência clássica não era possível imaginar um movimento sem alguma coisa que se move e na ciência de hoje, na microfísica não se pode imaginar uma coisa sem colocar algum movimento nela.

Partindo desta colocação acima, de que o dinamismo é de radiação, que o átomo só existe no momento em que irradia energia e que ao parar de irradiar ele passa a ter uma existência energética virtual. Desta forma o real se condensa no instante e temos que calcular a energia a partir de impulsos e não de velocidades, na medida em que não podemos nem mesmo dizer que essa energia havia sido acumulada e estava agora se liberando. A existência, o dom de um momento fecundo aparecem de repente, num instante. Na microfísica o átomo é considerado "uma regra do jogo completamente formal, que organiza simples possibilidades". O intervalo entre dois instantes é regido pelo cálculo de probabilidades, o que significa que a duração vazia, existente entre dois instantes, só tem uma dimensão provável. Conforme diz Bachelard:

"o átomo receberá o dom de um instante fecundo, porém o receberá por acaso, como uma novidade essencial, segundo as leis do cálculo de probabilidades, porque mais cedo ou mais tarde é necessário que todas as partes do Universo tenham sua parte da realidade temporal, porque o possível é uma tentação que o real acaba sempre por aceitar".¹⁵

O cálculo das probabilidades indicará quando ocorrerá a irradiação, pois quando um átomo está inativo o momento de se tornar ativo vai-se tornando mais provável.

Na psicologia e nas ciências Bachelard pode recolher algumas bases para sua tese da descontinuidade temporal, onde o instante constitui a realidade fundamental e não tem sentido se falar numa duração objetiva ou mesmo intuída psicologicamente.

TEMPO E RITMO

Nos últimos capítulos de "La Dialectique de la Durée", Bachelard mostra que a noção de ritmo é fundamental para compreender o tempo como descontínuo, pois a noção de ritmo destrói a idéia de uma continuidade substancial. Nesta obra Bachelard defende a posição de que os fenômenos temporais são construídos como ritmos, negando a existência de um tempo absoluto. Assim como um estudo temporal da estética musical e poética leva à afirmação de uma correlação de ritmos, o estudo fenomenológico do tempo também leva à afirmação de diferentes agrupamentos de instantes que se sucedem obedecendo a uma batida. Se não podemos falar em uma duração absoluta, o sincronismo não poderá realizar-se mediante uma medida exata das durações e sim por um sinal instantâneo da batida que trava os diferentes ritmos sobre instantes decisivos. Para que sua teoria fique mais clara, Bachelard recorre ao exemplo de uma orquestra que apresenta, através de seus vários instrumentos, uma melodia. A continuidade que parece existir na melodia é mais metafórica que real e é proveniente da cadência rítmica. O caráter complexo da melodia ficará ainda mais claro se percebemos que a dialética do largo e do breve

se une à dialética do forte e do débil e à dialética do agudo e do grave. Só assim podemos compreender a atomização e a descontinuidade da melodia. Além disso, não há uma sincronia calcada em uma medida absoluta das durações; é a batida que executa as superposições de ritmos diferentes. O maestro, através de sua regência, consegue travar os diferentes ritmos sobre instantes, dando assim a idéia de uma continuidade.

Em seu livro Bachelard faz referência aos estudos de um psicólogo brasileiro: Lúcio Pinheiro dos Santos, que se apresentam sob a forma de ensaios provisórios que seriam mais tarde sujeitos a revisão, mas que tiveram muitas ressonâncias na análise bachelardiana do tempo. A Ritmoanálise de Lúcio Pinheiro dos Santos é uma fenomenologia rítmica desenvolvida a partir da perspectiva material, biológica e psicológica. A primeira parte mostra as relações entre a substância e o tempo, concluindo que a vibração de ritmos toma a forma de aspectos materiais. A segunda parte, baseia-se na homeopatia e nela o autor propõe a explicação da ação substancial pela substituição da substância por uma radiação particular. As ações terapêuticas devem ser apreciadas muito mais de ritmo a ritmo do que de coisa a coisa. A Ritmoanálise biológica deverá tomar como tarefa codificar estes ritmos e dar à totalidade orgânica e substancial o sentido "sinfônico". Da perspectiva psicológica, a Ritmoanálise tem como finalidade reorganizar temporalmente o espírito, liberando a alma de durações malfeitas que lhe causariam angústias, reafirmando os ritmos e o caráter ondulatório da consciência. A Ritmoanálise equilibra melhor do que a Psicanálise as tendências inconscientes, na medida em que afirma a dualidade do espírito em lugar de tentar explicar uma pela outra.

Afirmando que a noção de ritmo é uma noção temporal primitiva, Bachelard conclui afirmando um pluralismo temporal e negando a duração absoluta e contínua. Para ele a continuidade temporal resulta da superposição de tempos diferentes. A continuidade temporal é, pois, uma obra e não um dado.

CONCLUSÃO

Nosso objetivo era analisar a noção de tempo, procurando estabelecer uma relação entre a abordagem de Cassirer e a do pensamento bachelardiano no que diz respeito ao tratamento dado à noção de tempo.

Muitas dificuldades tiveram que ser superadas no decorrer do desenvolvimento do trabalho.

Na análise do pensamento de Cassirer foi difícil chegarmos a algumas conclusões sobre a noção de tempo, na medida em que ele deu um destaque maior à discussão da intuição espacial do que a da intuição temporal, apesar de afirmar serem ambas fundamentais em todo processo de objetivação. Sendo assim muitas características da intuição temporal apresentadas no trabalho tiveram que ser deduzidas de colocações feitas por Cassirer em relação ao espaço. Outra dificuldade foi falar das características do tempo científico, pois Cassirer dedica maior atenção à análise do tempo mítico, sendo necessário compreender a intuição do tempo na ciência a partir do antagonismo com o mítico. Foi importante recorrer a seu artigo sobre a Teoria da Relatividade, que acabara de ser publicado, para que pudéssemos ter uma visão mais ampla da intuição do tempo no pensamento científico. Apesar das diferenças fundamentais introduzidas pela teoria de Einstein, Cassirer permanece fiel a sua análise anterior das características da intuição temporal na ciência. A nosso ver, esta análise está calcada no pensamento científico newtoniano e não leva em conta as novidades fundamentais da teoria da relatividade que necessariamente contribuiriam para uma visão diferente do tempo como vimos na análise bachelardiana.

Em relação ao pensamento de Bachelard também tivemos algumas dificuldades a serem superadas. Como já dissemos anteriormente a obra bachelardiana se acha dividida em duas vertentes: a poética e a científica. Uma das características

importantes de Bachelard é utilizar linguagens e métodos diferentes em cada vertente. Enquanto sua epistemologia se caracteriza por um discurso racional sua obra poética usa o método fenomenológico de análise e se caracteriza por uma linguagem metafórica. Suas duas obras sobre o tempo procuram fazer um estudo fenomenológico do tempo. Por isso poderá parecer, às vezes, que fizemos certas colocações sem fundamentá-las, mas nosso objetivo era ficarmos fiéis ao método de análise bachelardiano.

Mas a grande dificuldade do trabalho foi estabelecer um estudo comparativo dos dois pensadores, na medida em que eles tratam a noção do tempo de forma completamente diferente. Foi necessário buscarmos um ponto de partida para a análise, que nos permitisse uma comparação entre os dois filósofos.

Como ponto de partida tomamos algo comum em suas filosofias, isto é, a afirmação de duas perspectivas de apreensão do real, de duas formas de conhecimento.

Cassirer fala do processo mítico e do científico como formas diferentes de objetivação do real e Bachelard apresenta dois caminhos, o da construção científica e o da imaginação poética: A partir deste ponto comum teve início nossa análise sobre a noção de tempo em Cassirer e Bachelard.

Pudemos então concluir que em Cassirer, o tempo, assim como o espaço e o número são as intuições fundamentais do processo de objetivação, mas são também os instrumentos de diferenciação destes processos, na medida em que são as formas que possibilitam a expressão de uma totalidade que no mito é diferente da ciência. No mito e na ciência, o processo se fará através da incorporação do existente em uma totalidade temporal (ou espacial, ou numérica) que, obedecendo a diferentes metas, será uma totalidade concreta ou relativa à lei universal. Assim a configuração do tempo em cada processo é diferente e suas características são antagônicas. O tempo é, pois, um dos meios de diferenciação dos dois processos.

O pensamento de Bachelard é marcado pela idéia de descontinuidade. Em sua obra científica ela está presente quando ele fala do processo das ciências, mostrando que este se fez através da retificação do passado científico e não por um processo contínuo de acúmulo de conhecimento. É fundamental também a idéia de descontinuidade para se compreender a afirmação bachelardiana de uma ruptura entre a ciência e o saber comum, que domina sua epistemologia e é considerada um dos pontos centrais do pensamento deste filósofo. Na sua vertente poética vemos presente a idéia de descontinuidade, quando ele fala da novidade da imagem mostrando que ela rompe com todo passado de cultura e que na criação poética o não-saber é uma pré-condição, pois o irromper da imagem poética é acompanhado de um esquecimento do saber.

Na sua análise do tempo, Bachelard vai defender a idéia de uma descontinuidade temporal, mostrando que a realidade do tempo se reduz ao instante. É na idéia de uma descontinuidade temporal, é na noção de instante que podemos encontrar uma unidade na obra de Bachelard. Para ele o homem se define pela tendência que possui de se ultrapassar. Para isso dois caminhos se apresentam: a ciência e a técnica vencem a solidão do instante, criando um prolongamento do homem, criando uma sociedade; o outro caminho é o da poesia que aceitando o que o instante tem de trágico canta sua agonia, permitindo que o ser humano, consiga aceder ao universo do espírito, a uma "surrealidade".

Enquanto em Cassirer o tempo é um dos meios de diferenciação do processo mítico e do científico, em Bachelard a noção de tempo é mais especificamente o instante vai constituir o ponto de encontro dos dois caminhos: o conhecimento científico e o devaneio poético. É na noção de instante que podemos encontrar a unidade da obra de Gaston Bachelard.

NOTAS:

- (1) Cassirer – “La Philosophie des Formes Symboliques” vol. II p. 52.
- (2) Cassirer – “La Philosophie des Formes Symboliques” vol. II p. 99.
- (3) Cassirer – “La Philosophie des Formes Symboliques” vol. II p. 100.
- (4) Cassirer – “La Philosophie des Formes Symboliques” vol. II p. 106.
- (5) Cassirer – “La Philosophie des Formes Symboliques” vol. II p. 108.
- (6) Cassirer – “Substance et Function” p. 202.
- (7) Cassirer – “La Philosophie des Formes Symboliques” vol. II p. 132.
- (8) Cassirer – “La Philosophie des Formes Symboliques” vol. II p. 132.
- (9) Cassirer – “La Philosophie des Formes Symboliques” vol. II p. 132.
- (10) Bachelard – “A Poética do Espaço” p. 342.
- (11) Quillet – “Introdução ao Pensamento de Bachelard” p. 23.
- (12) Bachelard – “La Intuición del Instante” p. 15.
- (13) Roupnel – “Siloe” p. 23.
- (14) Bachelard – “La Dialéctica de la Duración” p. 58.
- (15) Bachelard – “La Intuición del Instante” p. 62.